



GEOGRAFIA E GÊNERO: ANÁLISE DE ESTUDOS CORRELATIVOS

Autor (a): Lívia Silva do Nascimento¹; Orientador (a): Sonia Maria de Lira²
Universidade Federal de Campina Grande, livia_ackles@hotmail.com¹
Universidade Federal de Campina Grande,sonia.m.lira@hotmail.com²

RESUMO

Na sociedade contemporânea os debates têm sido ampliados acerca de temáticas que abrangem a pluralidade em diversos aspectos, e a escola tem importante papel nestas transformações. Mas, interrogamos se a Geografia, enquanto disciplina escolar tem contribuído nestas reflexões. Diante disso, esta pesquisa tem por objetivo analisar como o debate de gênero vem sendo encaminhado no ensino de geografia, a partir de alguns trabalhos acadêmicos. Dessa forma, utilizamos a pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico, pois partimos de estudos já desenvolvidos, anteriormente, sobre a temática em disciplinas escolares, e, especificamente em Geografia. Sendo assim, verificamos que a ciência geográfica, desde seu surgimento, trabalha sobre as relações humanas e da natureza, mas não tem enfatizado sobre a explicação referente a uma sociedade plural e diversificada. Esta discussão é relevante, pois pode contribuir com a construção de uma sociedade menos discriminatória, excludente e misógina. Por isso, nos debruçamos sobre a análise de três textos: “A ausência e a presença do debate de gênero na geografia do Ensino Fundamental e Médio”; “Geografia e Gênero/Geografia Feminista - O que é isso?” e “Identidades capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros de Geografia”, buscando fazer uma contextualização analítica de como estão sendo trabalhadas as discussões de gênero no ensino geográfico a partir destes trabalhos científicos. Identificamos, neste contexto, que embora os trabalhos partam de abordagens diferentes, buscam a importância dessas discussões no espaço escolar mediante a necessidade de mudança para uma sociedade plural, diversificada, contrapondo-se àquela culturalmente discriminatória e intolerante. Contudo, o ensino tradicional ainda inviabiliza estas discussões. Como também, os segmentos políticos que gerem atualmente o Brasil têm dificultado ainda mais a ampliação destas reflexões.

Palavras-chave: Geografia, Gênero, Diversidade, Ensino.

Introdução

As lutas da sociedade civil e de minorias organizadas por uma educação que contemple aspectos negligenciados historicamente, na ótica curricular, fizeram com que órgãos públicos brasileiros buscassem introduzir temas que pudessem abarcar exigências urgentes referentes a elementos políticos, culturais, ambientais etc. Desse modo, foram criados os Temas Transversais que segundo Brasil (1998) compreende:

[...] processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à



intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrosociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões. (BRASIL, 1998, p.26)

Esses temas vão propor dentre diversas especificidades, trazer para a educação escolar, discussões que busquem a sensibilização social sobre reflexões referentes à ética, pluralidade cultural, preservação ambiental e da saúde, além de orientação sexual. Todos são temas recorrentes nos debates contemporâneos.

Dessa forma, diante da exigência social de discussões pertinentes à formação dos futuros cidadãos dentro da educação escolar, coloca-se a necessidade da temática de gênero em sala de aula, mediante os preconceitos e ações violentas que penalizam pessoas por serem diferentes. Sendo assim, discutir sobre o conceito de gênero na escola é pertinente, pois proporciona analisar junto aos estudantes como as questões atribuídas ao masculino e ao feminino, bem como suas diferenças, foram se acumulando advindas da formação social patriarcal e autoritária recorrente da colonização. Os futuros atores da sociedade precisam construir novas perspectivas que diminuam as exclusões, de modo a desmontar a ideia de dualidade entre homem e mulher e entre gênero e sexo.

Contudo, a necessidade da formação docente para lidar com a pluralidade cultural, religiosa, racial, de gênero e ousar dizer, humana; reflete diretamente na futura leva de cidadãos que irão atuar na sociedade, como nós antes deles. Essa promoção da “maleficidade” do diferente passada através das gerações por meio de preconceitos, naturalizando-os, traz dentre muitos problemas: a discriminação, a segregação, a misoginia e o racismo, entrem outros.

Tendo em vista que o espaço escolar pode propiciar a preparação para a vida cidadã, conforme Paulo Freire, não se pode deixar de lado sua importância nessa discussão. No entanto, na maioria dos casos o que se verifica acerca dos professores em relação a essas diferenças é a própria indiferença, como cita Munanga (2005, p. 15):

Na maioria dos casos, praticam a política da avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e



dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana.

Deste modo, para que as diferenças sejam respeitadas, são necessárias também que novas relações sociais sejam construídas e o espaço escolar precisa iniciar este processo através de suas diversas áreas do conhecimento, entre elas a do ensino de Geografia.

Por isso, neste trabalho, temos como objetivo analisar como o debate de gênero vem sendo encaminhado no ensino de geografia, a partir de alguns trabalhos acadêmicos. Dessa forma, utilizamos a pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico, pois partimos de estudos já desenvolvidos, anteriormente, sobre a temática em disciplinas escolares, e, especificamente em Geografia.

1 O ensino de Geografia e a questão de gênero

No decorrer da construção das ciências geográficas, por diversos períodos, esta área do conhecimento, como muitas outras, sofreu influências dos diferentes contextos sócio-históricos. No determinismo, a supremacia da natureza sobre o homem, no possibilismo, o poder do homem na transformação da natureza, no quantitativismo os números em detrimento das interpretações etc. Nos tempos atuais, os quais se propõem à compreensão das complexidades humanas em sociedade, surgem necessidades de estudos que consigam explicar, não somente as complexidades humanas, mas as novas inter-relações socioespaciais que se estabelecem, principalmente focando as pluralidades existentes.

Por isso, se faz tão necessário que, na contemporaneidade, a Geografia contribua para diminuir os desrespeitos socioespaciais utilizando-se da transversalidade a partir de temas como: meio ambiente, diversidade, saúde, e etc., pois eles estão presentes nas vidas das pessoas em todos os lugares.

Na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) estas discussões devem perpassar as diversas disciplinas escolares.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade) (MEC/SEF, 1998, p.30).



Neste contexto, as relações de gênero devem ser enfatizadas, para contribuir com a quebra de estereótipos ocasionados pelas relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, através da cultura patriarcal. Cabe à disciplina geográfica nesse sentido buscar desenvolver esse debate, pois segundo Costa (2011, p. 4):

A Geografia, enquanto disciplina, tem, então, um papel importante na formação do cidadão consciente do seu papel na produção do espaço, dos seus direitos, nas suas práticas espaciais e sobre as relações entre homens e mulheres.

Desse modo, o professor como mediador do saber tem importância fundamental. Mas, será que os docentes brasileiros estão preparados para efetivar estas discussões relativas a gênero? Será que as inter-relações do cotidiano são trabalhadas em Geografia?

Neste sentido, destacamos que o ensino de geografia busca no âmbito escolar, além de todas as questões anteriormente discutidas, trazer as questões espaciais, regionais e territoriais através das práticas e ações humanas encaminhadas ao longo dos tempos. Contudo, é necessário também trabalhar o cotidiano dos estudantes, pois se aproximando de sua realidade a construção do conhecimento torna-se mais efetiva.

Santos (1979, 1997, 1999) ressalta sobre a importância do local para a transformação do global. Como também, reitera sobre a força das horizontalidades em contraponto às verticalidades. Desta forma, destacamos que é no cotidiano que se fazem as contestações da realidade socioespacial. E diante disso, o espaço escolar, plural e diversificado, pode ser visto como um microespaço que pode ser transformado.

Nesse contexto, ao trabalhar o gênero nas discussões geográficas, pode-se trazer o próprio ambiente escolar como categoria de análise, assim como as questões abordadas por Adichie (2014), que diante de suas vivências cotidianas, “aprendeu” o feminismo apenas analisando os hábitos e ações ligadas ao próprio discurso do seu dia-a-dia e discutindo de que maneira os hábitos afirmam as desigualdades e normatizam as mesmas. Por isso, estas ações cotidianas precisam ser discutidas e redimensionadas para relações menos autoritárias.

Reiterando Facco (2011, p.20):

Os processos de discriminação costumam ter, na sociedade ocidental, uma sutileza que dificulta a sua identificação. Eles se encontram, muitas vezes, nas entrelinhas dos discursos, nas rotinas, nos costumes, perpetuando-se nas



relações sociais. É uma tática silenciosa tão poderosa que faz com que esses processos pareçam naturais.

Ou seja, nos próprios espaços domiciliares ou escolares existem ações que reafirmam os preconceitos e as desigualdades. E estes temas precisam ser trazidos para discussão. Neste sentido, se os hábitos adquiridos podem afirmar a discriminação, estes debates poderão também proporcionar as mudanças nas inter-relações e o entendimento sobre a necessidade do acolhimento das diferenças e da luta por menos desigualdades.

2 Gênero: conceito complexo

Na discussão de gênero o conceito é confundido constantemente com o conceito de sexo, acarretando ainda mais preconceitos e desinformações perpassadas e distribuídas de maneira equivocada, pois o “gênero é uma construção sociológica, político cultural do termo sexo, não é uma variável demográfica, biológica ou natural apenas, mas traz toda uma carga cultural e ideológica” (COSTA, 2011, p. 80). Ou seja, o conceito de gênero não se prende apenas às diferenças físico-biológicas existentes acerca de homens e mulheres, mas é um fator característico das relações sociais fundadas na própria diferenciação entre os sexos, mas, que por ser social é transformado a partir das diversas relações que acontecem no espaço.

Por isso, é preciso desmistificar a superioridade masculina, construída historicamente, como se fosse naturalizada e buscar dar visibilidade às mulheres e demais grupos marginalizados por suas orientações que fogem ao padrão socialmente e heteronormativamente aceitos, favorecendo à conquista de seus espaços sociais.

Esse termo ou conceito que, dentro do contexto das lutas feministas tomou caráter de fenômeno, transcende as funções subjetivas e teóricas para tomar sua função nas ações sociais como aponta Silva (1998). Nesse sentido o feminismo é um movimento de caráter social que visa mudança na postura da sociedade, por meio da igualdade de direitos entre homens e mulheres e ainda que não se resuma a isso, a discussão de gênero vai perpassar essa função, buscando a quebra do heteronormativismo, para dar visibilidade a pluralidade de gênero na sociedade.

É importante destacar, também nessa vertente, que ainda que as mulheres sejam vítimas dessa sociedade de patriarcado que literalmente limita sua vivência à padrões pré-estabelecidos, os homens acabam por, apesar de terem favorecimento óbvio,



sofrerem através dessas construções, ainda que indiretamente, tendo, assim como os demais sujeitos sociais, o machismo introjetado na sua vivência que também lhes traz insatisfações, como por exemplo através de exigências como: homem não chora, não pode se enfeitar, etc.

Desta forma, o debate contra o machismo deve envolver homens e mulheres que busquem a dialogicidade como condição para estas mudanças e possibilitem novas relações socioespaciais mais democráticas e menos desiguais.

3 Principais desafios da discussão de gênero no ensino escolar de Geografia

Como todo tema de discussão acerca da diversidade, ou de algo que fuja dos modelos tradicionais, a temática das relações de gênero é vista por diversos segmentos da sociedade como um tabu. Isso não ocorre de maneira diferente no espaço escolar.

Essa padronização que é alavancada historicamente pela sociedade burguesa e altamente tradicional, traz por consequência a efetivação de uma escola discriminatória, excludente e preconceituosa, colocando como “norma compulsória à heterossexualidade, (que) está apoiada na ligação entre sexo, gênero e expressão da sexualidade” (LOURO, 2009. p. 90). Esta é influenciada por elementos culturais, como por exemplo os religiosos, que muitas vezes fundamentam as mais variadas formas de negação das pessoas.

Desta forma, estes pressupostos culturais também envolvem questões políticas, econômicas, familiares etc. que são oriundas do processo de colonização imposto pelos europeus.

Como cita Munanga (2015, p.15):

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. [...] Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.



De maneira nenhuma, destaca-se aqui a existência de uma fórmula para o ensino “correto”, o que se pode expressar nesse sentido, é a necessidade do professor não promover, ainda que de maneira indireta, nenhuma ação ou influência discriminatória, intolerante e/ou de caráter preconceituoso, pois só assim as relações poderão ser menos desiguais.

Resultados e Discussão

Para desenvolver essa pesquisa, foram analisados três trabalhos realizados acerca da discussão de Gênero e Geografia: “A Ausência e a Presença do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio” de Carmem Lúcia Costa (2011), “Geografia e Gênero/Geografia Feminista - O que é isso?” de Susana Maria Veleda da Silva (1998) e “Identidades capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros de Geografia” de Ivaine Maria Tonini (2002), buscando fazer uma contextualização analítica de como estão sendo trabalhadas as discussões de gênero no ensino geográfico nos trabalhos científicos. Ou seja, quais são as preocupações científicas a cerca dessa temática social por parte dos geógrafos, mas relacionando-as às práticas pedagógicas.

Nesse sentido, Costa (2011) fez a análise de três livros didáticos utilizados na rede pública de ensino de Ponta Grossa – GO. Isso, pelo fato do livro didático ser ainda hoje, um recurso indispensável, e muitas vezes único, no ensino das escolas públicas do Brasil. A partir desta análise a autora apresenta dados que não nos surpreende, tendo em vista o tradicionalismo presente nos livros didáticos. Em nenhum dos livros analisados, houve a menção à temática de gênero, nem mesmo das relações entre homens e mulheres em sociedade, e quando é discutida, ocorre de maneira superficial, visando apenas destacar a igualdade de direitos sociais entre homens e mulheres, sem um aprofundamento de como isto pode acontecer.

Dessa forma, os temas transversais não perpassam os estudos geográficos, principalmente aqueles ligados à gênero. O que dificulta o avanço nos debates, pois os docentes não possuem formação para este fim, não tendo subsídios para fornecer uma instrução construtiva nas questões das diferenças.

Silva (1998) diante da temática apresenta uma discussão que visa apresentar primordialmente as conceituações referentes a este segmento, mas que posteriormente



traz os principais conceitos da Geografia a qual podem ser integrados os assuntos de gênero no ensino, dentre eles, o espaço construído, o lugar e as relações de gênero, as relações explicitadas na paisagem, o papel das relações de gênero na produção do território e etc.

Nesta perspectiva, percebe-se a preocupação da autora com a discussão de gênero, mas nota-se que, pouco se discute sobre de que maneira esses conceitos podem ser inseridos em sala mediante as dificuldades encontradas tanto no ambiente escolar altamente discriminatório, quanto na formação do professor que além de deficiente nestes enfoques educativos, muitas vezes é tomada por preconceitos.

Tonini (2002) busca através de sua análise verificar sobre a discussão sobre etnia, geração e gênero nos livros didáticos. Essa tese evidencia, dentre as demais temáticas, como se dão as discussões de gênero no ensino através desse importante (na maioria das vezes, único) recurso didático. Ela o faz baseada nas relações de poder e na produção dos significados afirmados e reafirmados através do livro didático.

Inicialmente, em linhas gerais, a autora enfatiza que as relações de poder e as produções de significado e identidade são pautadas na lógica moderna ocidental, a qual apresenta a diferença de maneira estranha e menosprezada, o que nesse sentido vai se apresentar como um complemento fundamental diante das discussões trazidas nesse trabalho. Desse modo, a autora vai indagar sobre como a produção de identidades trazidas nos livros didáticos através da construção de significados apresenta homens e mulheres em lados opostos quando referentes aos espaços domésticos e ao mercado de trabalho, isso tendo em vista a sexualização empregada nesses espaços.

Para isso a autora faz a reflexão, baseada em diversos autores e pesquisadores que abordam gênero, que, “ao rejeitarem as características biológicas como únicas constituintes das identidades femininas, entendem que não é somente o sexo que as constrói, mas tudo o que é culturalmente dito sobre ele” (TONINI, 2002, p.59).

Dessa forma, a autora evidencia como as relações entre homem e mulher, bem como os espaços são previamente definidos e distanciados, seguindo uma lógica desigual que, dando significados ao discurso as naturaliza. Nessa perspectiva, o que se pode analisar é que tanto a sociedade em geral, quanto o próprio espaço escolar, reafirmam visões contraditórias, dualitárias e por consequência discriminatória. Por



isso, defende uma educação não neutra e que seja, no mínimo, justa e livre de discriminação.

De maneira geral, pode-se dizer que independente das diferentes abordagens dos textos destacados, a relação de Gênero e Geografia é uma preocupação significativa atual, que desperta diversos interesses e propostas mediante essa problemática que é a desigualdade de gênero. Contudo, são poucos os que trabalham esta temática vinculada ao ensino, por isso têm-se a necessidade de afirmar a importância dessas discussões no espaço escolar mediante a necessidade de mudança para uma sociedade plural, diversificada, contrapondo-se àquela culturalmente discriminatória e intolerante, pois como citou Fernandes (1995) “feita a revolução nas escolas, o povo a fará nas ruas”.

Mas, será que é por medo dessas mudanças que os nossos representante políticos atuais estão tentando barrar as discussões nas escolas sobre gênero, através de projetos de leis como “escola sem partido” entre outros?

Conclusões

O que se pode destacar diante das pesquisas e estudos feitos sobre a correlação entre os estudos das ciências geográficas e as discussões de gênero no âmbito escolar é que são muito poucos os trabalhos sobre estas temáticas e estes processos são dificultados ainda mais, por causa da própria situação atual da geografia escolar. Dessa forma, como esperar propostas pedagógicas que busquem mais igualdade e menos discriminação, diante de uma geografia conteudista e altamente decorativa vivida no ensino tradicional que é trabalhada nas escolas? E como trabalhar um tema tão complexo, diante de todos os preconceitos e desafios vividos pela sociedade e conseqüentemente na escola, que também reproduz estas práticas? Diante desses desafios que acarretam ainda mais preocupações acerca dessa discussão, tornando-se ainda mais necessário refletir sobre essas demandas sociais que partem daqueles que são excluídos, trazendo a compreensão da diversidade como algo natural, necessário e principalmente, que deve ser socialmente reconhecida.

Contudo, ressaltamos que a atual conjuntura política é desfavorável a estas propostas, e que por algum tempo teremos retrocessos nestes debates. Mas, enquanto sujeitos históricos, que possuem a capacidade de fazer as transformações socioespaciais

acreditamos que este período terá as suas resistências e num futuro próximo poderemos retomar estas questões de forma democrática. Ademais, acreditamos no espaço escolar como prioritário para fomentar o debate sobre as contradições das imposições atuais, pois como diria Paulo Freire “educação sem esperança não é educação”.

Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Schwarcz S.A.: São Paulo – SP, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso: ago. 2016.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, C.L. **A Ausência e a presença do debate de gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio**. In: Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa, v2, n2, p. 76-84, ago/dez, 2011.

FACCO, Lúcia. A escola como questionadora de um currículo homofóbico. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, Gênero e Poder**: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 19 – 29.

FERNANDES, F. **A Contestação necessária, retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários**. Ática: São Paulo, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. v. 32. p. 85-93.

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo/ razão e emoção. São Paulo, HUCITEC, 1999.

_____. **O Espaço dividido**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1979.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. SOUZA, M. A. & SILVEIRA, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. 4ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1998.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

SILVA, J. M. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica.** Revista de História Regional. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/issue/view/208/showToc> Acesso: ago. 2016.

SILVA, S. M. V. **Geografia e Gênero/Geografia Feminista - O que é isso?** Boletim Gaúcho de Geografia. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385> Acesso: ago. 2016.

TONINI, I. M. **Identidades capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros de Geografia.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2002.

